

A SEMÂNTICA PROPOSTA POR MICHEL PÊCHEUX: UMA RUPTURA NAS BASES DA LINGÜÍSTICA

Larissa Scotta

RESUMO[©]

Este trabalho insere-se dentro de uma proposta de compreensão da construção epistemológica da Análise de Discurso e tem como objetivo refletir sobre a formulação do conceito de 'sentido' dentro desse campo de pesquisa. Para isso, buscamos relacionar o modo como a questão da 'significação' era abordada pela Lingüística saussuriana e o deslocamento e conseqüente ruptura teórico-política apresentada por Michel Pêcheux no final da década de 60.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica, Análise de Discurso, Lingüística saussuriana

INTRODUÇÃO

Michel Pêcheux escreveu uma vez, citando Danton, que "não se destrói realmente senão aquilo que se é capaz de substituir"ⁱ. Essa afirmação, que remete à postura do teórico frente à Semântica tal como esta se desenvolvia na Lingüística ao longo do século XX, possibilita-nos que ressaltemos o tema sobre o qual buscamos refletir neste trabalho: a formulação do conceito de *sentido* na Análise de Discurso.

Fazendo a relação do que foi enunciado por Pêcheux com o propósito que o levou a fazer tal afirmação, podemos entender que, ao propor uma substituição da forma como a Semântica era pensada na Lingüística, o teórico estava disposto a apresentar um novo modo de entender o estudo dos processos de significação.

Em alguns de seus textosⁱⁱ, escritos na França entre as décadas de 60 e 70, como no artigo *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours* (1971), e em trechos das obras **Análise Automática do Discurso** (1969) e **Semântica e Discurso** (1975), o teórico questiona as evidências fundadoras da Semântica.

Até então, a questão do sentido estava atrelada a uma noção sistêmica da língua. Em outras palavras, poderíamos afirmar que o sentido de um termo era dado a partir da diferença dos termos dentro do sistema lingüístico. Sob essa perspectiva, a Semântica era entendida como

uma parte da Lingüística, tal como a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe. Afirmando que o sentido escapa às abordagens de uma Lingüística voltada essencialmente para a língua, Pêcheux (1997a) questiona o lugar da Semântica na lingüística saussuriana, fundada sobre a dicotomia língua/fala e, não obstante, interroga sobre a contradição em que se baseava a Lingüística, ao não reconhecer sua relação com a filosofia no que concerne à questão do sentido.

A partir de seus questionamentos, Pêcheux (1997a, 1997b) busca elaborar as bases de uma teoria materialista da significação, onde o histórico e o político sejam considerados constitutivos dos processos de significação do dizer. Essa nova proposta vai significar, não somente uma nova abordagem dessa problemática, como também uma diferente forma de conceber a questão da 'língua' e da 'fala', tal como apresentados por Saussure.

Sob esse aspecto, buscamos refletir neste trabalho, a respeito do modo como a questão dos sentidos era abordada pela Lingüística saussuriana e o deslocamento teórico-político apresentado por Pêcheux, visto que entendemos existir ligações entre essas abordagens que poderiam elucidar alguns aspectos da constituição epistemológica da Análise de Discurso.

1 A Lingüística saussuriana e os processos de significação

A Lingüística moderna, tal como denominamos hoje, adquiriu status de ciência com Saussure, que estabeleceu a língua como objeto de estudo da Lingüística. A partir da demarcação efetuada por Saussure, conforme Pietroforte (2002), desenvolveu-se a dicotomia língua/fala, onde língua seria definido como um sistema de elementos, um conjunto social organizado em que um elemento se define pelos demais, e fala seria um dado individual, diferente em cada usuário da língua.

Entendemos que o propósito de Saussure era o de dar à Lingüística legitimidade científica e, por esta razão, ele optou por tratar apenas da língua. Segundo seu entendimento, somente a

língua seria passível de análise e sistematização rigorosas, o que permitiria à Lingüística aproximar-se da formalização das ciências exatas. A fala, por ser da ordem do individual e, portanto, estar relacionada ao 'uso' do sistema lingüístico, foi posta em segundo plano pelo lingüista.

Para Saussure (2003), a língua podia ser definida como um sistema de valores constituído não por conteúdos ou produtos de uma vivência mas por diferenças puras. Dentro dessa concepção, estavam enquadrados os diversos níveis de estudo da linguagem: fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Os processos de significação do dizer, tal como os outros aspectos lingüísticos, eram explicados segundo o funcionamento do sistema da língua. No **Curso de Lingüística Geral** (2003, p. 134), Saussure ressalta que, a palavra, fazendo parte de um sistema, "está revestida não só de uma *significação* como também, e sobretudo, de um *valor*" (grifo nosso).

A significação remete à conhecida definição de *signo lingüístico*, que seria a relação arbitrária entre uma imagem acústica, que Saussure chamou de *significante*, e um conceito, que ele denominou *significado* (2003, p. 81). Sob essa perspectiva, o lingüista entende que não há relação entre palavras e coisas. A significação não se dá de forma direta, mas na união de uma imagem acústica e um conceito, sendo que esses dois elementos estão intimamente imbricados e um reclama o outro.

Em seus **Escritos de Lingüística Geral**, Saussure (2004, p. 37) assevera que: "1º: um signo só existe em virtude de sua significação. 2º: Uma significação só existe em virtude de seu signo. 3º: Signo e significação só existem em virtude da *diferença* dos signos". Essa *diferença*, assinalada pelo lingüista, aponta para o segundo aspecto de uma palavra: seu *valor*. Para o lingüista, portanto, um signo não existe por si só, mas apenas na relação com outros signos. Daí as definições saussurianas de que "o valor de qualquer termo que seja está definido por aquilo que o rodeia" (2003, p.133), de que "o sentido das palavras é uma coisa essencialmente negativa" (2004, p. 73) e de que "o sentido de cada forma, em particular, é a mesma coisa que a diferença das formas entre si. Sentido=valor diferente" (2004, p. 27).

Podemos entender, a partir dessas formulações, que a noção de significação é

deslocada na Lingüística saussuriana para uma noção de *valor*. Sob essa perspectiva, um termo não significa, mas vale. E vale precisamente porque é analisado no interior do sistema lingüístico, onde um termo é relacionado a um outro. Conforme estabelece Saussure (2003, p. 136), a característica mais exata de um termo "é ser o que os outros não são".

É importante ressaltar, todavia, a propósito da questão que estamos tratando, que para Saussure (2003), a noção de valor se subordina, em seu aspecto conceitual, à significação, ao passo que esta, paradoxalmente, é colocada sob a dependência do valor. Logo, para Saussure, as noções de significação e valor não são consideradas de fácil entendimento, mas algo que se revela, sob determinados aspectos, aparentemente contraditório.

De acordo com Ernst-Pereira (2003, p. 7),

Uma conseqüência séria que decorre dessa contradição que anula a distinção entre valor e significação, subsumindo-os ao sistema é a que se refere à prática do lingüista. (...) a lingüística a partir de Saussure funda sua tarefa nas operações de comutação, de comparações regradas, etc, no interior de uma mesma língua. O que interessa, então, é o funcionamento das línguas em relação a elas mesmas no quadro de uma lingüística geral que é a teoria do funcionamento. Daí a importância do princípio da unidade da língua. É ele que possibilita tal prática.

O princípio de unidade da língua aponta, em nosso entendimento, para a transparência da linguagem e para a exterioridade do sujeito em relação a ela. Quer dizer, a partir do momento em que se considerou o fato lingüístico isoladamente, a Lingüística saussuriana permitiu, segundo Ernst-Pereira (idem), o desenvolvimento da concepção idealista de uma língua sem sujeito, logicamente perfeita, constituída de signos, suportes de significação ao dispor de um sujeito universal "situado em toda a parte e em lugar nenhum e que pensa por meio de conceitos" (Pêcheux, 1997b, p.127).

Em outras palavras, poderíamos afirmar que Saussure apartou o fato lingüístico de sua dimensão sócio-histórica e das implicações de ordem subjetiva. Sob esse aspecto, a Lingüística saussuriana teria por corolário o fato de que toda unidade lingüística é entendida como parte de um sistema, onde essas unidades seriam

explicadas a partir das diferenças existentes entre os termos da língua.

2 A Semântica proposta por Michel Pêcheux

O corolário saussuriano vai ser posto em voga, no final da década de 60, por Michel Pêcheux, o qual desenvolve uma proposta teórico-metodológica que acaba 'deslocando' a noção de língua saussuriana, ao apresentá-la como a base dos processos discursivos, nos quais estão envolvidos o sujeito e a história (Gregolin, 2004). Nesse sentido, a Semântica será pensada a partir do conceito de discursoⁱⁱⁱ proposto por Pêcheux, onde não exclusivamente a língua, mas também o histórico e o político, vão constituir os processos de significação do dizer.

A fim de apresentarmos o caminho percorrido por Pêcheux para se chegar a um novo entendimento do objeto de estudo da Semântica, abordaremos a relação de Pêcheux com a teoria saussuriana a partir da divisão elaborada por Gadet (et. al, 1997), a qual entende que a leitura empreendida por Pêcheux com relação à Lingüística saussuriana pode ser percebida em três perspectivas no interior de seu projeto de uma 'teoria do discurso': no que concerne à concepção geral de língua, na reflexão da oposição língua/fala e na noção de valor.

Nesse trabalho, abordaremos com mais destaque a segunda perspectiva, a qual será apresentada a seguir. Acreditamos ser importante ressaltar, todavia, com relação ao primeiro item, que Pêcheux compartilha da idéia de Saussure de que a língua é um sistema e, como tal, deve ser pensada a partir de seu funcionamento. Conforme afirma Gregolin (2004, p. 61), "esse caráter sistêmico da linguagem será a base a partir do qual serão pensados os processos discursivos". Além disso, a terceira perspectiva também vai ter um papel importante na formulação do conceito de sentido, na medida em que, ao elaborar suas primeiras concepções de 'sentido', é o valor saussuriano que Pêcheux vai invocar (Maldidier, p. 2003).

2.1 Da dicotomia língua/ fala ao discurso

A segunda perspectiva salientada por Gadet (idem), referente à relação entre o corte saussuriano^{iv} e a reflexão empreendida por Pêcheux, constitui-se, para nós, em um ponto muito importante e que necessita um pouco mais

de atenção, já que é exatamente neste ponto que Pêcheux interroga a Saussure.

Segundo o teórico (1997a), a Lingüística saussuriana, fundada sobre a dicotomia língua/fala, desenvolveu-se em torno de duas exclusões teóricas: a exclusão da *fala* no inacessível da ciência lingüística e a exclusão das instituições *não-semiológicas* do intuito da ciência. Essa primeira exclusão, mesmo que Saussure não tenha desejado, autorizou

a reaparição triunfal do sujeito falante como subjetividade em ato; (...) em outros termos, tudo se passa como se a lingüística científica (tendo por objeto a língua) liberasse um resíduo, que é o conceito filosófico de sujeito livre, pensado como o avesso indispensável, o correlato necessário do sistema (Pêcheux, 1997^a, p. 71).

De acordo com Flores (1999, p. 43), a interpretação de Pêcheux é a de que "se a língua é um sistema com regras universalmente válidas, a fala é um lugar de atividade individual do sujeito". Nesse sentido, Pêcheux se contrapõe à dicotomia porque, em sua opinião, é inadequado explicar o funcionamento lingüístico pela referência a um *sistema universal* de regras, assim como é errado pensar um *sujeito livre* na base de toda atividade lingüística.

A fim de ilustrar sua crítica, Pêcheux (1997^a, p. 73) apresenta a frase "A terra gira". Segundo o teórico, conforme o contexto em que esta frase tenha sido produzida, é possível julgá-la 'normal' ou 'não', isto é, caso ela tenha sido enunciada anteriormente a Copérnico, possivelmente um lingüista daquela época a consideraria como uma relação sintático-semântica, entre sujeito e atributo, internamente incompatível. Nesse sentido, Pêcheux (idem) afirma que "nem sempre se pode dizer da frase que ela é normal ou anômala apenas por sua referência a uma *norma universal* inscrita na língua".

Esse entendimento de que a oposição entre o universal e o individual estabelecida por Saussure não se sustenta, vai levar Pêcheux (1997^a, p. 74) a propor "um nível intermediário entre a singularidade individual e a universalidade". É nessa região intervalar que se situaria o *discurso*, o qual deveria ser estudado enquanto um conjunto de mecanismos formais responsáveis pela sua produção (processos de produção) e com referência às condições de produção. Essa proposição vai se relacionar com a

segunda exclusão teórica efetivada por Saussure, a exclusão do não-semiológico do campo da ciência lingüística.

Para Pêcheux (1997a), o conceito de não-semiológico é um equívoco em Saussure, pois fundamentado sobre uma relação necessária entre meios e fins. A língua, ao contrário, não estaria, necessariamente, ligada a um determinado fim. Quer dizer, a língua seria um sistema semiológico que epistemologicamente equivaleria aos demais sistemas semiológicos. Todavia, pelo termo *instituição*, Saussure teria separado os sistemas institucionais políticos, jurídicos, etc. dos demais sistemas semiológicos, ou seja, a língua seria uma instituição semiológica enquanto que o sistema político seria apenas institucional. O entendimento de Pêcheux, ao contrário, é o de que o estudo do funcionamento da língua deveria incluir o não-semiológico como pertinente ao lingüístico. Com isso, o discurso seria definido em relação às *condições de produção*. A hipótese apresentada por Pêcheux é a de que

a um estado dado das condições de produção corresponde uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua, o que significa que, se o estado das condições é fixado, o conjunto dos discursos possíveis de serem engendrados nessas condições manifesta invariantes semântico-retóricas estáveis no conjunto considerado e que são características do processo de produção colocado em jogo (Pêcheux, 1997a, p. 79).

Ao apresentar uma outra forma de conceber a linguagem, ou seja, enquanto discurso, Pêcheux (1997b) propõe que se entenda de que modo aquilo que consideramos ‘uma mesma língua’, no sentido lingüístico desse termo, permite funcionamentos de ‘vocabulário-sintaxe’ e de ‘raciocínios’ antagonistas. Ou seja, seu interesse não se restringe, tal como se dava na lingüística saussuriana, em entender a natureza das palavras que utilizamos, nem em apreendê-las dentro do funcionamento do sistema lingüístico. Para Pêcheux, o essencial torna-se a compreensão das “condições” sob as quais essas palavras se combinam, na medida em que elas (as condições) determinam a *significação* que adquirem essas palavras” (Pêcheux apud Favero, 2003).

A referência às condições de produção designa o entendimento do discurso *determinado* por um ‘exterior’, para evocar tudo o que, fora a

linguagem, faz com que um discurso seja o que é: o tecido histórico-social que o constitui (Maldidier, 2003, p. 23). Com essa perspectiva, Pêcheux instaura a possibilidade de se ir além de uma análise puramente lingüística do ‘sentido’, onde os processos de significação são entendidos a partir das diferenças entre os termos, criando condições para se entender de um outro modo a questão do sentido.

Ao acrescentar a noção de condições de produção, além disso, Pêcheux (1997b) vai de encontro à idéia de sujeito decorrente da atividade individual que é a fala. Em outras palavras, o teórico recusa a ‘liberdade’ identificada em Saussure. Nesse sentido, poderíamos afirmar que, nem a noção de sujeito concebida a partir do conceito de discurso, nem o sentido de um termo, serão entendidos por Pêcheux do mesmo modo como o eram na Lingüística saussuriana.

2.2 Por uma outra noção de Semântica

Essa ruptura empreendida por Pêcheux vai ligar-se diretamente à área da Lingüística denominada Semântica. Esta, tal como afirmamos anteriormente, era entendida como uma parte dessa disciplina, tal como a Fonologia, a Sintaxe e a Morfologia. Entretanto, para Pêcheux (1997b), diferentemente destas áreas, a Semântica não poderia ser pensada levando em consideração somente o sistema lingüístico, pois o sentido, seu objeto de estudo, excederia o âmbito da Lingüística fundada sobre a dicotomia língua/fala.

Com o intuito de ratificar essa afirmativa, Pêcheux sustenta a hipótese de que a Semântica desenvolvida a partir do corte saussuriano é uma Semântica fortemente idealista, lançando mão de algumas evidências que seriam capazes de comprová-la. Segundo Flores (1999), à evidência de que uma teoria do significado seria uma teoria lógico-matemática e o conhecimento, uma teoria da formalização das leis que possibilitam o pensamento, Pêcheux soma a evidência de que existem objetos, processos materiais, pessoas que falam, isto é, sujeitos a comunicar algo, enfim, soma a evidência de que as ciências humanas falariam de um objeto – o homem – com a linguagem e pela linguagem.

No entendimento de Pêcheux (1997b), esta evidência de que a linguagem comunica através de palavras com sentidos incontestes, ‘informações’ sobre coisas e objetos, traduziria

um modelo abstrato universal produzido pela sociedade capitalista. Para além de um questionamento da língua enquanto sistema de regras universal, portanto, Pêcheux expõe uma profunda crítica à lingüística pelo fato desta ter se encerrado em seu objeto e ignorar, conseqüentemente, os aspectos sociais, ou ainda, abordá-los como uma psicossociologia que constituiria a *reprodução teórica do idealismo* sobre o qual ela se constitui.

A dicotomia língua/fala reconduziria a Semântica a um substancialismo e a um subjetivismo porque subjaz a ela a oposição kantiana contingente/necessário através do qual se recupera a operação de juízo de um sujeito. À língua, liga-se a idéia de sistema, à fala, a de criatividade (Flores, 1999). Segundo Pêcheux (1997b, p.), “Saussure deixou aberta a porta pela qual se infiltraram o formalismo e o subjetivismo; essa porta aberta é a concepção saussuriana de que a idéia só poderia ser, em todo seu alcance, subjetiva, individual”. Trataria-se, pois, na opinião de Pêcheux, de um empirismo em semântica e, deste modo, justificaria-se a oposição, percebida em Saussure, da subjetividade como uma sistematicidade extralingüística à objetividade, também sistemática, da língua.

Ao expor sua crítica à Semântica estrutural, percebemos que Pêcheux a situa em dois pontos: um primeiro ponto diria respeito ao fato de que se postula a existência de um cálculo passível de determinar uma combinatória semântica para o sentido do enunciado e um segundo referir-se-ia à teoria da enunciação, enquanto teoria de um sujeito produtor de sentidos em uma dada situação. Conforme constata Flores (1999, p. 51),

no primeiro caso, a limitação ao sistema impede que o contexto seja contemplado já que ele seria exterior a esse sistema. No segundo caso, a enunciação além de teorizar sobre o ideal de um “sujeito que fala em uma situação”, atribuindo conteúdos psicológicos ao enunciado, também centraliza esse sujeito na base da enunciação. Na opinião de Pêcheux, este contexto teórico em que se opõe sistema/sujeito é circular, embora reivindique, em um discurso ideológico, a marca do desenvolvimento.

Pêcheux (1997b) questiona, portanto, as evidências fundadoras da Semântica, objetivando a instauração de outra semântica, pensada por ele nos moldes da filosofia marxista. A fim de justificar essa Semântica, o teórico vai interrogar a

Lingüística sobre a contradição em que ela se baseava, ao não reconhecer sua relação com a Filosofia no que concerne à questão da significação. Sua constatação é a de que o que designamos pelo termo ‘Semântica’ faz parte da disciplina Lingüística de maneira distinta da Fonologia, da Morfologia ou da Sintaxe e constitui um ponto de retorno da Filosofia nessa disciplina

a maneira pela qual a semântica “tem a ver” com a Lingüística é a de constituir o ponto em que a autonomia relativa desta última se depara com seus limites: em outras palavras, estamos afirmando que, para resolver as questões que (não) são colocadas no setor da “semântica”, para dissipar as questões-bloqueios que são “respostas-por-antecipação” e que impedem qualquer avanço, em síntese, para ir além desse ponto limite (...) é que se apresenta a possibilidade e a necessidade de desordenar-reconfigurar a problemática que se designa ainda hoje pelo termo “semântica”, permitindo que os conceitos do materialismo histórico e as categorias do materialismo dialético “tomem posição” junto a essa problemática (Pêcheux, 1997b, p. 243).

Conforme observa Malidier (2003), o materialismo histórico é a posição explícita de onde se realiza a intervenção epistemológica contra a dupla ameaça, a do empirismo, “a problemática subjetivista centrada no indivíduo” e a do formalismo que confunde “a língua como objeto com o campo da linguagem”. Apoiado na teoria da “interpelação ideológica” proposta por Althusser, bem como em uma teoria do “inconsciente”, elaborada por Lacan, Pêcheux (1997b) vai sustentar a hipótese de que o sentido de uma palavra ou expressão não existe em si mesmo, ele não é um produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social.

Sob essa perspectiva, Pêcheux defende a tese de que os sujeitos não são nem donos nem a origem de seus dizeres, pois para um sujeito ter o domínio de seu dizer, deveria existir um sentido predeterminado por propriedades da língua, justamente o que ele queria negar. Os sujeitos não teriam esse domínio porque não são completos, já feitos, mas constituídos na relação com a língua e a história. Em outras palavras, o que Pêcheux propõe é deslocamento das noções de *linguagem* e *sujeito*, que passam a ser entendidas a partir de um trabalho com a ideologia.

De acordo com Orlandi (2002, p. 53), “a linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se)diz”. Nesse corpo a corpo que revela a relação constitutiva entre os sujeitos, a língua e a ideologia, é que se construiriam os sentidos do que dizemos. Por isso, para Pêcheux e para a Análise de Discurso pensada por ele, não é possível conceber o sentido como algo pré-determinado, algo que está descrito no sistema da língua sob um único ponto de vista. A univocidade do sentido não poderia existir pelo fato de que “o sentido não é dado mais que o sujeito. Sentido e sujeito são produzidos na história. Em outras palavras, eles são determinados” (Maldidier, 2003, p. 51).

No entendimento de Pêcheux (1997b), todo seu trabalho em relação à teoria do discurso é alicerçado no fato de que a questão da constituição do sentido se junta à da constituição do sujeito, e isto não lateralmente mas no interior da própria ‘tese central’, na figura da interpelação ideológica. Sob esse aspecto, a produção de sentido existiria na medida em que existe um sujeito em constante ‘trabalho’ com a língua e com a história.

Podemos perceber que essa posição teórica apresenta uma concepção de sujeito que não é nem aquela do sujeito ‘inexistente’ da língua saussuriana, nem a do sujeito ‘livre’ da fala. Para a Análise de Discurso, conforme destaca Henry (1992, p. 188), “o sujeito é sempre e ao mesmo tempo sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de que nossos corpos são atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”. É nessa relação dos sujeitos com a ideologia e com o inconsciente que os sentidos se (re)produziriam. E por se (re)produzirem desse modo é que seria possível o movimento, a multiplicidade dos sentidos.

Considerada uma ‘primeira etapa’ da consolidação de um novo campo de pesquisa da linguagem, o da Análise de Discurso surgida na França, a Semântica materialista proposta por Pêcheux no final da década de 60 e início de 70 não vai parar de ser aprofundada. Conceitos como ‘Formação Discursiva’, ‘Interdiscurso’, ‘Intradiscurso’, ‘Pré-construído’, ‘Formação Ideológica’ entre diversos outros, serão elaborados a fim de elucidar a noção de ‘sentido’ a partir do funcionamento do discurso. Trabalhando, pois, na confluência das regiões disciplinares do Marxismo, da Lingüística e da

Psicanálise, o desafio maior da Análise de Discurso vai ser o de “construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, nem no ‘qualquer coisa’ de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal” (Pêcheux, 1998, p. 60).

CONCLUSÃO

Expostas algumas noções gerais do que Pêcheux entende ser “uma produção de sentido” baseada na teoria do materialismo histórico e atravessada por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica, é possível constatar diferenças substanciais entre sua abordagem e a até então vigente na Lingüística saussuriana.

A crítica severa à concepção idealista de uma língua sem sujeito e logicamente perfeita, tal como a desenvolvida na Lingüística saussuriana, bem como a crítica à fala, entendida por Pêcheux como o avesso indispensável da língua e, por conseguinte, reduto da liberdade individual do sujeito, desencadeou a formulação de uma Semântica de caráter materialista que foi de encontro às noções de processos de significação correntes na época.

Por um lado, a proposta ‘pechetiana’ pode ser entendida como uma importante ruptura teórica, pois significou a possibilidade de um outro gesto de ‘leitura’ do mundo, menos idealista por assim dizer e, por outro lado, pode ser concebida como uma declarada ruptura política, que se fez sentir na crítica ao modelo abstrato universal, produzido pela sociedade capitalista.

Em nosso entendimento, ao criticar a Semântica desenvolvida até então e, principalmente, ao propor que o materialismo histórico tome posição junto a essa problemática, Pêcheux rompe com o postulado saussuriano de análise puramente lingüística do ‘sentido’, onde os processos de significação são entendidos a partir das diferenças entre os termos, instaurando a possibilidade de se pensar na exterioridade como constitutiva dos processos de significação. Ao estabelecer que as palavras mudam de sentido conforme a *posição ideológica* dos sujeitos que as empregam, Pêcheux assume, pois, uma posição teórica e política que se distancia de modo inequívoco da perspectiva assumida pela Semântica saussuriana.

Em **Semântica e Discurso**, Pêcheux (1999b) afirmara que não se podia ‘destruir’ uma

coisa sem pôr uma outra em seu lugar. Em nosso gesto de interpretação, a 'destruição' da Semântica fundada em Saussure não aconteceu; pelo contrário, as bases dessa Semântica continuam servindo ainda hoje como sustentação a diferentes teorias e abordagens da questão do 'sentido'. Entretanto, se a 'destruição' pensada pelo teórico não ocorreu, também é certo que não se pôde, a partir de suas formulações, falar em noção de 'sentido' sem lembrar de Michel Pêcheux e de sua inquietude com relação ao modo como os sujeitos, ao dizerem, significam a si mesmos e ao que está ao seu redor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ERNST-PEREIRA, A. *O Casaco de Arlequim: uma reflexão sobre a semântica proposta por Michel Pêcheux*. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br>>. Acesso em: 10 de maio de 2005.

FAVERO, T.O. *Uma Câmera em Ação*. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br>>. Acesso em: 10 de maio de 2005.

FLORES, V. *Elementos de Análise do Discurso para uma epistemologia da Lingüística*. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.32, n.1, p.41-59, mar.1997.

GADET, F et. al. *Apresentação da conjuntura em Lingüística, em Psicanálise e em Informática Aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969*. In: F.GADET. e T. HAK (órgs). **Por uma Análise Automática do discurso**. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp,1997.

GREGOLIN, M. R. Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos. São Carlos; Clara Luz, 2004.

HENRY, P. *A Ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso**. Campinas: Pontes,2003.

ORLANDI, E.P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 4.ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso*. In: GADET. F E HAK.T (orgs). **Por uma Análise Automática do discurso**. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp,1997a.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp,1997b.

_____. *Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso* in **Cadernos de Tradução- Instituto de Letras da UFRGS**. Porto Alegre, n.1, p.51-60, jan.1998.

PIETROFORTE, A. *V.A Língua como objeto da Lingüística*. In: FIORIN, J.L. **Introdução à Lingüística**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

_____. **Escritos de Lingüística Geral**. São Paulo:Cultrix, 2004.

NOTAS

⊗ Trabalho desenvolvido nos Projetos de Pesquisa "Constituir, formular e fazer circular sentidos: dispersão e memória no discurso sobre/na cidade" e "História das Idéias Lingüísticas", vinculados ao Laboratório Corpus/UFSM e orientados pela Profª Drª Amanda Eloina Scherer.

1 Afirmação retirada da obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1975).

2 O ano que aparece depois das obras é o da publicação original dos textos e não o da edição utilizada por nós.

3 Discurso, aqui, deve ser tomado como "um conceito que não se confunde nem com o discurso empírico sustentado por um sujeito nem com o texto, um conceito que estoura qualquer concepção comunicacional de linguagem" (Maldidier, 2003, p.21).

4 Entendemos corte saussuriano como a instauração da divisão entre 'língua' e 'fala'.

5 O conceito de "condições de produção" seria uma reelaboração da noção descritiva de "circunstâncias" de um discurso. O conceito, vindo do marxismo, era utilizado em Psicologia social (Maldidier, 2003:23). Mais tarde, esse conceito passou por outras reelaborações dentro da Análise de Discurso.